

*Passages de Paris*, n° 22/23 (2021/2022)

## **ÁRABES E JUDEUS NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA: *DESTERRO E DOIS IRMÃOS***

Laís Maria ROSAL BOTLER<sup>1</sup>

**Resumo:** Judeus estão presentes na sociedade brasileira, com alguns intervalos, desde os anos 1630, período holandês no Brasil (FEITLER, 2009). Da mesma maneira, árabes também são parte significativa dessa sociedade, a partir dos anos 1900, com forte imigração de sírio-libaneses (LESSER, 1996). Na literatura brasileira, judeus e árabes são representados desde o século XVII, a partir de uma visão externa, por autores não-judeus e não-árabes. No presente artigo, pretendo analisar como árabes e judeus são representados na literatura brasileira contemporânea, especificamente nas obras “Desterro”, de Luis S. Krausz, autor brasileiro judeu, e “Dois Irmãos”, de Milton Hatoum, brasileiro descendente de libaneses.

**Palavras-chave:** Literatura brasileira contemporânea, árabes, judeus, identidade

**Abstract:** Jews are present in Brazilian society, with some intervals, since the 1630s, the Dutch period in Brazil (FEITLER, 2009). Similarly, Arabs are also a significant part of this society, from the 1900s onwards, with strong Syrian-Lebanese immigration (LESSER, 1996). In Brazilian literature, Jews and Arabs have been represented since the 17th century, from an external point of view, by non-Jewish and non-Arab authors. In this article, I intend to analyze how Arabs and Jews are represented in contemporary Brazilian literature, specifically in the works “Desterro”, by Luis S. Krausz, a Jewish Brazilian author, and “Dois Irmãos”, by Milton Hatoum, a Brazilian of Lebanese descent.

**Key-words:** contemporary Brazilian literature, Arabs, Jews, identity.

Judeus estão presentes na sociedade brasileira, com alguns intervalos, desde os anos 1630, no período holandês (FEITLER, 2009). Após a década de 1920, essa presença se intensificou, principalmente nos anos 30, até os dias atuais (LESSER, 2001). Da mesma maneira, árabes também são parte significativa dessa sociedade, a partir dos anos 1900, com forte imigração de sírio-libaneses (LESSER, 1996).

Na literatura brasileira, judeus e árabes são representados desde o século XVII, conforme veremos a seguir, a partir de uma visão externa, da alteridade, do diferente, por autores não-judeus e não-árabes. No presente artigo, pretendo analisar como árabes e judeus são representados na literatura brasileira contemporânea, especificamente nas obras “Desterro”,

---

<sup>1</sup> Laís Maria ROSAL BOTLER é Doutora em Estudos Espanhóis, Portugueses e Latino-Americanos pela Universidade Hebraica de Jerusalém. É mestre em Educação e graduada em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco. Publicou o artigo “Belonging: Relations with Places and Non-places in *Correspondências* and *Minhas Queridas*.”, no livro *After Clarice: Reading Lispector’s Legacy in the Twenty-First Century*, organizado por Adriana X. Jacobs e Claire Williams. Legenda Books, 2022.

de Luis S. Krausz, autor brasileiro judeu, e “Dois Irmãos”, de Milton Hatoum, brasileiro descendente de libaneses. Que identidades são evidenciadas nessas representações? Como os personagens lidam com os deslocamentos dessas identidades?

Ao fazer um panorama da presença de personagens árabes na literatura brasileira, Villar e Mendonça (2009) mostram que os árabes estão presentes desde os primeiros relatos sobre o Brasil, quando o temor da presença árabe e a associação dos indígenas brasileiros a estes influenciava as narrativas. Os autores mencionam como preconceitos em relação a árabes foram reproduzidos na literatura barroca, por Gregório de Matos, por exemplo. No Romantismo, os árabes aparecem no poema *Navio Negreiro*, de Castro Alves, aproximando a narrativa dos escravizados brasileiros à história de Agar e Ismael. Já em relação ao período Realista da literatura brasileira, os autores destacam a forte presença árabe tanto na poesia quanto na prosa de Machado de Assis, com referências a questões políticas e religiosas. No Modernismo, há a presença de formas poéticas como o *gazal*<sup>2</sup> na poesia de Manuel Bandeira e a reflexão sobre questões políticas em poemas e crônicas de Carlos Drummond de Andrade, bem como sobre a presença árabe em Minas Gerais. Ainda na chamada segunda fase do Modernismo, o imigrante árabe aparece em uma relação com um alemão no livro *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa. Villar e Mendonça (idem) destacam que a representação árabe se torna mais frequente na obra de Jorge Amado, em que personagens dessa origem estão presentes em todos os seus romances, “como membros do corpo brasileiro” (p. 4238), com diversas facetas, de vagabundo a advogado:

“Na realidade, ao privilegiar a presença árabe, em meio à sua construção identitária do sul da Bahia, Jorge Amado inauguraria um caminho estético, marcado pela ausência de estranhamento e por uma perspectiva de mão dupla, que ora realça o agudo sentimento árabe de pertencimento à nossa terra, com a correspondente e efusiva aprovação das personagens brasileiras, o que só é possível graças ao apagamento das diferenças e ao realce das similaridades culturais entre nós e os árabes; ora o caminho em que, numa estratégia claramente mais complementar, tanto o árabe quanto o brasileiro reconstruem, solidariamente, o espaço nacional, como se verifica, hoje, em Milton Hatoum. Nesse itinerário narrativo, Jorge Amado tematiza o abrasileiramento árabe no interior da Bahia, enquanto põe e repõe em circulação um assimilacionismo de correspondência, o mesmo

---

<sup>2</sup> Gênero da poesia lírica, composta por dísticos e geralmente de temática amorosa, originário do Oriente Médio e do norte da África. ("**gazal**", in *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [online], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/gazal> [consultado em 09-10-2022].

do qual se nutririam Manuel Bandeira, Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade, mais ambigualmente, e Milton Hatoum, no século atual” (idem, p. 4239)

Vilar e Mendonça enfocam a presença árabe na literatura de uma maneira mais quantitativa do que efetivamente em *como* essa presença é representada nesses textos. Trata-se, no entanto, de um apanhado muito rico de obras em que a cultura e identidade árabes são representadas. É importante ressaltar a ausência de autores árabes nesse apanhado, à exceção de Milton Hatoum.

Por sua vez, Zilberman (2010) realiza uma análise das representações dos judeus na literatura brasileira. Ela parte da visão freudiana, que considera como essência do judaísmo ser “uma religião monoteísta, que privilegia o intelecto, valoriza a repressão dos instintos e depende do sentimento de culpa experimentado por seus seguidores” (idem, p. 65). A autora destaca que o judeu definido por Freud é vítima, mas que não é assim que o judeu aparece em representações, desde a Idade Média, ocupando, em geral, a posição de culpado, com teor negativo.

Em relação à literatura brasileira, a autora destaca que quem inicialmente introduz personagens judeus não são judeus, uma vez que, mesmo duzentos anos depois da inquisição, ainda havia o temor de acusações relacionadas ao judaísmo. No século XIX, apesar da liberdade de culto, poucos cristãos-novos haviam restado, e o “abrandamento do antissemitismo” (idem, p. 67) dava condições para que não-judeus pudessem incluir de maneira mais segura judeus em seus textos. Zilberman cita como exemplos dessa época peças de Gonçalves Magalhães, em que há um paralelo entre a marginalização do judeu e do brasileiro, e que tira o estigma do judeu como vilão; a obra de Castro Alves, com a presença de personagens femininas judias, unindo tradição e religião a características eróticas e exóticas; e a prosa de José de Alencar, no livro *As Minas de Prata*, com personagens judias, com características tanto positivas quanto negativas, em tramas paralelas ao enredo principal, além de discussões acerca dos problemas enfrentados pelos judeus à época, como a perda de licenças. Zilberman destaca que tais textos não desfazem a imagem do judeu consolidada no exterior, mas também não contribuem para a consolidação de preconceitos.

A autora não prossegue nas demais “fases” da literatura brasileira, mas foca sua análise na produção literária de autores judeus, citando Marcos Iolovitch, Moacyr Scliar e Clarice Lispector, que tratam a questão da culpa a partir de suas consequências, como o holocausto e

as imigrações e, segundo ela, “não assumem estereótipos, a não ser para desconstruí-los” (idem, p. 75).

Em ambos os contextos, é perceptível que os árabes e os judeus brasileiros só passaram a ser protagonistas da representação de sua identidade e povo nas últimas décadas do século XX. Nas duas obras abordadas neste artigo, a identidade árabe e judaica são representadas a partir do ponto de vista de um judeu, no caso do autor e do narrador de *Desterro*, e de um descendente de árabe, em *Dois Irmãos*.

Com subtítulo “Memórias em Ruínas”, Luis S.Krausz realiza, em *Desterro*, um relato de memórias, em que suas identidades judaica, alemã e brasileira estão em constante encontro e, muitas vezes, em conflito. O narrador-protagonista, que se conecta ao autor por possuir o mesmo nome e sobrenome, é descendente de alemães que, após a Primeira Guerra Mundial, migram para o Brasil numa emigração que “deveria ser temporária, até que as coisas se tranquilizassem um pouco, e um país cujo lema era ‘Ordem e Progresso’, *Ordnung und Fortschritt*, lhe parecia a melhor solução para aqueles tempos de caos e de retrocesso” (KRAUSZ, 2011, p. 122). Ironicamente, é nesse novo país onde eles se reencontram com o caos de que fugiam, e do qual vão buscar se diferenciar, não sem um certo grau de superioridade:

“Os muros do casarão deveriam nos separar, a princípio, de tudo o que fosse excessivamente brasileiro. Meus avós se assustavam com a inércia, com o desleixo e com o pouco caso de tantas pessoas que desprezavam o trabalho e, uma vez chegadas ao Brasil, faziam só aquele mínimo necessário para a sobrevivência” (KRAUSZ, 2011, p. 83).

Diferentemente de *Desterro*, *Dois Irmãos* não é um relato de memória, apesar de possuir características autobiográficas, com referências a pessoas e locais com os quais o autor teve convívio, conforme o próprio Hatoum afirma em entrevista (2017), e narra os conflitos vividos por uma família de libaneses e seus descendentes na Amazônia, com foco nos gêmeos Yaqub e Omar. Em *Dois Irmãos*, Milton Hatoum, descendente de libaneses que imigraram para o Brasil no início dos anos 1900, também foca a questão da superioridade, mas às avessas. No discurso da mãe dos gêmeos, Zana, imigrante libanesa que vive no Brasil desde a infância, coexistem a superioridade da mulher libanesa que vem da cidade e a superioridade da brasileira, que agora tem educação e cultura ocidentalizadas adquiridas no Brasil, diferentemente do que acontecia no Líbano, especificamente em pequenas aldeias,

como a de onde seu marido viera. Ao enviar seu filho para uma aldeia no Líbano, teme por sua educação, já que lá não teria escola:

Desde o dia da partida, Zana não parou de repetir: ‘Meu filho vai voltar um matuto, um pastor, um *ra’í*. Vai esquecer o português e não vai pisar em escola porque não tem escola lá na aldeia de sua família’. (HATOUM, 2006, p. 12)

Em ambos os trechos, vê-se o conflito gerado por um jogo de identidades, conforme Hall (2015), a partir do qual o sujeito, principalmente na pós-modernidade, tem sua identidade fragmentada e composta por várias identidades, que muitas vezes se contradizem entre si. As identidades alemã e judaica, de um lado, e libanesa, de outro, se chocam em muitos momentos com a brasileira, por representarem valores distintos, muitas vezes de maneira inconciliável: “Não havia, para mim, um nexos visível ou mesmo concebível a ligar esses três mundos - o das desérticas narrativas bíblicas, o daquelas figuras monumentais de língua alemã e o das ruas brasileiras e dos ônibus abarrotados” (KRAUSZ, 2011, p. 108).

No entanto, percebemos que em alguns aspectos esses fragmentos de identidade se fundem, seja de maneira espontânea, seja de maneira forçada, e contribuem para o aparecimento de novos elementos culturais que passam a fazer parte de uma nova identidade. Em *Desterro*, temos o exemplo dos avós do narrador, que sempre viveram na ilusão do retorno, e eram “forçados” a adaptar suas receitas tradicionais com os ingredientes disponíveis no Brasil. Com relutância, foram aos poucos se apropriando da culinária local, sem deixar de fazer menção, de maneira nostálgica, aos ingredientes “originais” que só poderiam encontrar em sua terra natal:

“(…) os sabores da velha Europa que povoavam a nostalgia dos meus avós. De minha avó que buscava conformar-se em substituir, nas receitas trazidas do outro lado, as amêndoas por castanhas de caju. De meu avô que, quando encontrava framboesas e amoras em Campos do Jordão, narrava os sabores de outras frutas que jamais encontraríamos: *Weichseln, Johannisbeeren e Preiselbeeren*, que nem sequer tinham nomes em português. Eram frutas que tinham o gosto das paisagens da Floresta Negra (...) e eu sonhava com o dia em que poderia viajar para a Floresta Negra.” (KRAUSZ, 2011, p.102).

Tal “fusão” de identidades parece ser aceita de maneira mais leve e fluida pelos personagens de *Dois Irmãos*. Possivelmente pelo fato de a imigração destes ter sido mais uma escolha e uma busca de novas perspectivas de vida do que uma fuga, como fora em *Desterro*, os personagens de Hatoum parecem usufruir dessa mistura, representada principalmente por

meio do personagem Galib, que aproveita os temperos da nova terra para, junto aos temperos libaneses, criar cheiros e sabores incomparáveis: “O almoço era servido às onze, comida simples, mas com sabor raro. (...) No Mercado Municipal, escolhia uma pescada, um tucunaré ou um matrinxã, recheava-o com farofa e azeitonas, assava-o no forno de lenha e servia-o com gergelim” (HATOUM, 2006, p. 36). Essa mescla se refletia no próprio bar de Galib, ponto de encontro de imigrantes libaneses, sírios, judeus (possivelmente sefaraditas) e marroquinos, que “falavam português misturado com árabe, francês e espanhol, e dessa algaravia surgiam histórias que se cruzavam, vidas em trânsito, um vaivém de vozes que contavam um pouco de tudo” (idem). Aqui pode-se perceber tanto uma aproximação entre culturas de origem árabe, como uma aproximação dos diferentes grupos de imigrantes. Nessa perspectiva, conforme afirma Hall (2015), esse deslocamento e articulação de identidades assumem características benéficas, levando a novas composições identitárias, com uma riqueza cultural que passa a caracterizar, também, a cultura brasileira.

Essas novas identidades, frutos de uma miscelânea, são mais facilmente percebidas nos descendentes: são o narrador de *Desterro* e os gêmeos de *Dois Irmãos* que levam a memória afetiva dessa identidade fragmentada. Yaqub, um dos gêmeos, já adulto, em São Paulo, sente nostalgia ao passar pelas lojas árabes: “passava um bom tempo sentindo o cheiro forte dos temperos, devorando com os olhos as iguarias que não podia comprar” (HATOUM, 2006, p. 81). O narrador de *Desterro* analisa essa nostalgia de maneira consciente do que ela carrega: “As coisas lá, evidentemente, nunca eram só o que eram. O barril de arenques era também uma aldeia na paisagem pantanosa da Galícia Oriental” (KRAUSZ, 2011, p. 91). A importância desses ingredientes era, portanto, muito mais simbólica do que efetivamente física, remontando a lugares, memórias e pessoas.

Junto a esses elementos que trazem cheiros, sabores e memória, outro elemento associado em ambos os livros a essas identidades e que carrega muitos outros significados além do aparente é a língua. Hall (2015) aborda o idioma como um dos descentramentos da identidade moderna, que, por ser um sistema social e preexistir ao indivíduo, traz significados adicionais: falar uma língua “significa também ativar a imensa gama de significados que já estão embutidos em nossa língua e em nossos sistemas culturais” (p. 25, *grifos nossos*). É na e pela linguagem que o indivíduo se constitui sujeito, e nos casos dos personagens dos livros aqui analisados, é muitas vezes a partir da linguagem que as identidades árabe e judaica são representadas.

No caso de *Desterro*, termos em hebraico, alemão e ídiche surgem no meio das frases por razões diversas: por não terem um nome correspondente em português (“*Weichseln, Johannisbeeren* e *Preiselbeeren*, que nem sequer tinham nomes em português” - KRAUSZ, 2011, p. 102); por serem nomes de feriados e cerimônias que não são traduzidos, como Bar Mitzvah, Rosh Hashana e Pessach, mas que demandam uma explicação em notas de rodapé no livro; ou por serem palavras que entraram no vocabulário dos judeus asquenazitas e, assim, são usadas de maneira natural dentro da comunidade (“Depois, meu tio Boris desapareceu. Aos poucos se tornou claro que ele namorava uma *shickse*, e que se juntara com ela, vivendo em abominação” - idem, p. 94). A língua funciona, portanto, como um elemento de identificação que vai determinar se você faz parte ou não da comunidade. Dessa maneira, os atos de saber e de usar tais expressões também expressam uma conexão com a memória e o lugar de onde elas vêm, bem como reforçam o pertencimento à comunidade.

Em *Dois Irmãos*, o aspecto afetivo da língua é muito mais enfatizado. Além de também utilizarem alguns termos em árabe na fala corrente (embora em menor quantidade do que em *Desterro*), os personagens de *Dois Irmãos* demonstram ter consciência do poder emocional da língua e dos significados gerados ao utilizar uma língua em detrimento da outra. Omar, por exemplo, para agradar sua mãe em momentos em que sabia que ia decepcioná-la, utilizava o árabe: “Ela sabia que cedo ou tarde Omar chegaria acompanhado de uma mulher. (...) Abriu os braços, dizendo em árabe: ‘Feliz aniversário, rainha’. Era uma frase decorada, mas pronunciada com esmero” (HATOUM, 2006, p. 74).

A língua materna é, pois, espaço de conforto e de segurança. É também para o árabe, sua língua materna, que Zana recorre em seus últimos momentos de vida:

“Ela me reconheceu, ficou me olhando. Então soprou nomes e palavras em árabe que conhecia: a vida, Halim, meus filhos, Omar. Notei no seu rosto o esforço, a força para murmurar uma frase em português, como se a partir daquele momento apenas a língua materna fosse sobreviver. Mas quando Zana procurou minhas mãos, conseguiu balbuciar: Nael... querido...” (idem, p. 189).

Nesse último momento, as duas línguas da vida de Zana, o português e o árabe, e por conseguinte suas duas identidades, foram essenciais para que ela pudesse se expressar completamente. É evidente que já não se trata, portanto, de uma identidade fixa, mas sim “em transição, em diferentes posições; que retiram seus recursos de diferentes tradições culturais”, nos termos de Hall (2015, p. 52). Hall utiliza ainda o conceito de *tradução*, que descreve

como os imigrantes que se distanciaram de sua terra natal transferem - ou traduzem - as referências de tradição, identidade e lugares para esse novo lugar que passam a viver. Assim, eles passam a se constituir de pelo menos duas identidades, com tudo o que elas englobam, e a transitar entre elas. O uso da língua materna, além disso, em ambos os casos, funciona como um recurso literário que serve também para fortalecer a “autenticidade” das personagens, demonstrando a alteridade do árabe ou do judeu, ao mesmo tempo em que distancia o leitor que não faz parte dessas culturas.

Junto à língua, a religião é outro aspecto representado nos dois livros como parte da constituição identitária dos personagens. O narrador de *Desterro* está cercado de cerimônias e feriados religiosos judaicos, mas não parece se envolver diretamente com a religião, a não ser por meio de seus pais. É seu pai que o lembra de visitar uma sinagoga, mesmo que a contragosto: “Antes de partir naquela viagem, meu pai me recomendou que eu me lembrasse, às vezes, de visitar uma sinagoga, como se eu devesse me lembrar de algum mal congênito esquecido, de algum defeito incurável que eu me esforçava por esconder”. (KRAUSZ, 2011, p. 99). Nesse caso, vê-se por meio narrador-personagem a separação entre povo e religião no judaísmo: ele é bastante envolvido com a comunidade, pesquisa sobre a comunidade em São Paulo e entrevista sobreviventes do Holocausto, mas não demonstra afinidades com a religião.

Já as diferenças religiosas entre os imigrantes libaneses, em *Dois Irmãos*, são representadas principalmente no momento anterior ao casamento de Zana e Halim, quando se evidenciam algumas rixas entre libaneses cristãos e muçulmanos:

“Logo todos na cidade souberam: Halim se embeicara por Zana. As cristãs maronitas de Manaus, velhas e moças, não aceitavam a ideia de ver Zana casar-se com um muçulmano. Ficavam de vigília na calçada do Biblos, encomendavam novenas para que ela não se casasse com Halim. Diziam a Deus e o mundo fuxicos assim: que ele era um mascate, um teque-teque qualquer, um rude, um maometano das montanhas do sul do Líbano que se vestia como um pé-rapado e matraqueava nas ruas e praças de Manaus.” (HATOUM, 2006, p. 40)

Zana, diferentemente das suas compatriotas maronitas, não demonstra ter o mesmo preconceito e não se importa com o fato de Halim não ser de sua religião. No entanto, faz uma exigência: casar na igreja de Nossa Senhora do Líbano. Sua demanda é atendida, como todas as outras, e no decorrer da narrativa sua religiosidade se mantém, mais em atos religiosos do que propriamente em suas ações. Halim, por outro lado, não pratica atos



religiosos e também não parece se importar em conviver com uma mulher religiosa. Pode-se dizer que, nessa nova terra, a maneira como os personagens lidam com a religião também passa por modificações e, inclusive, é mais flexível. Da mesma forma que com a língua, os personagens parecem também perceber a necessidade de “negociar” entre as religiões e a tradição religiosa.

Por meio da religião, como podemos perceber nessa reprodução da visão das maronitas, Hatoum aborda alguns estereótipos em relação aos árabes muçulmanos que se reproduzem até os dias atuais. No entanto, conforme Zilberman afirmou em relação aos escritores judeus que escrevem sobre judeus, Hatoum traz o estereótipo para quebrá-lo. Diferentemente de Zana, cristã, Halim se mostra muito mais equilibrado e sábio, o contrário do pé-rapado que as maronitas viam.

Da mesma maneira, um estereótipo também é trazido para ser quebrado em *Desterro*: o do judeu sionista, que apenas é leal a Israel e ao judaísmo, cai por terra a partir do posicionamento do seu avô, que “se desentendera com os dirigentes, que eram sionistas, enquanto para ele nós deveríamos simplesmente ser cidadãos leais de nosso país, de religião israelita.” (KRAUSZ, 2011, p. 107).

Os novos “híbridos culturais” (HALL, 2015, p. 36) estão presentes em cada aspecto da vida desses imigrantes que foram para o Brasil em busca de uma nova vida: na comida, na língua, na religião, etc. A razão que causou a imigração influencia diretamente a maneira como cada personagem lida com esses conflitos, mais suave ou mais problemática, mas todos contribuem, de sua maneira, para a formação de uma identidade nacional híbrida nacional. Isso fica mais evidente nos descendentes, que já estão bem mais integrados na sociedade brasileira, mas ainda mantêm laços identitários com a origem de sua família.

Apesar de que pertencer a um “lugar social não determina uma consciência discursiva sobre esse lugar” (RIBEIRO, 2017, p. 39), o fato de terem sido escritos por um escritor judeu e um descendente de libaneses parece permitir que, em ambos os livros, as identidades sejam representadas de uma maneira mais completa do que encontrado na literatura produzida até então, abordando as complexidades e os conflitos com os quais os personagens têm que lidar na nova vida. Isso não significa, no entanto, que autores que não fazem parte dessas comunidades não possam desenvolver personagens judeus e árabes verossímeis, principalmente a partir desses novos caminhos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FEITLER, B. «Jews and New Christians in Dutch Brazil, 1630-1654. » In: KAGAN, R. L. e MORGAN, P. D. *Atlantic Diasporas: Jews, conversos, and crypto-Jews in the age of mercantilism, 1500-1900*. United States: John Hopkins University Press, 2009.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 12a edição. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.
- HATOUM, Milton. *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Ep. 95: Entrevista com Milton Hatoum*. Livrada! Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rtLkcw4nxY8&t=247s>. 8 jan 2017.
- KRAUSZ, Luis S. *Desterro: Memórias em Ruínas*. São Paulo: Tordesilhas, 2011.
- LESSER, Jeffrey. «(Re)Creating Ethnicity: Middle Eastern Immigration to Brazil». *The Americas*, v. 53, n. 1, jul. 1996. p. 45-65.
- \_\_\_\_\_. «Jewish Brazilian or Brazilian Jews? A Reflection on Brazilian Ethnicity ». *Shofar*. v. 19, n. 3, spring 2001. p. 65-72.
- RIBEIRO, Djamila. *O que é: lugar de fala? (Feminismos Plurais)*. Belo Horizonte: Letramento, 2017.
- VILLAR, V. L. G.; MENDONÇA, W. M. «Nós e os árabes: uma configuração das gentes árabes nos textos dos poetas e escritores brasileiros. ». *Anais da ABRALIN*. Vol. 2 2009. p. 4234 - 4239.
- ZILBERMAN, Regina. «Do estigma à liberação: representações dos judeus na literatura brasileira». *Revista Iberoamericana*. v. LXXVI, n. 230. jan/março 2010, p. 63-79.